

Quando perder pode significar ganhar

Arlete Portella Fontes

Perder ninguém quer, mas, esse é o tipo de acontecimento que não comporta o querer. Já dizia a sabedoria dos avós que perder faz parte da vida, como se fosse andar, comer, dormir, amar.... Porém, passamos longos anos convivendo com perdas e quando uma nova nos confronta nos tornamos bebês, indefesos, inseguros, medrosos e não sabemos o que fazer. Choramos, esperneamos, gritamos, enraivecemos, nos enganamos, fugimos, eclipsamos...Cada um com seu modo de enfrentamento.

Na verdade, sonhamos sempre com o paraíso. Mas, fico aqui pensando quão chato seria esse tal do paraíso. Sem escolhas a serem feitas, sem desafios a enfrentar, sem avaliações do que vamos ganhar e do que vamos perder, sem medos a superar, sem entregas, sem tolerância ou mesmo, aprendizados inusitados a serem feitos.

Um vida sem escolhas seria sim uma vida morna, sem sabor, gosto ou quem sabe sem pecados a redimir. Temas como redenção, perdão ou absolvição fizeram parte da minha juventude. Estudante em um colégio de freiras, eu dava aulas de religião para adolescentes. O que entendia eu de religião nessa ocasião? De quais verdades eu falava? Qual o sentido? Eu o fazia na mais completa ignorância. Hoje eu não o faria. Não me considero uma estudiosa de religião mesmo que como uma crença. Mas, naquela ingenuidade que acompanhava minha adolescência eu o fazia até com competência eu diria, competência, de quem pouco ou nada sabe e, por este motivo, tem o perdão da ignorância.Fazia por acreditar naquilo que professava.

Confesso não tinha pretensão de fazer aqui uma discussão sobre religião, nem ao menos sobre seu valor para o envelhecer, tema esse de meu interesse. Mas, quando escrevemos, as palavras é que nos conduzem e , se elas, assim o fazem, talvez haja algo a ser compreendido. Creio que nossos modos de enfrentamento de perdas estão diretamente relacionados aos aprendizados que tivemos no seio da religião, em geral como crença, incutida pelos nossos pais, ou como fruto da cultura que permeia nossas vidas.

Assim, lamentamos a perda de uma pessoa querida. Nosso coração fica partido, é como se não houvesse mais o que perseguir...Muitas religiões acreditam que a vida continua depois da morte, entre elas o cristianismo e o budismo. Se a vida continua temos que continuar vivendo e dando conta de

nossos afazeres. Para alguns, essa crença serve como consolo e os empurra a continuar. Para outros, reforça apenas a ausência de um significado. Na falta de um, a espera de uma vida pós-morte, nada mais é do que uma crença, sem veracidade ou comprovação. E como crença ou ato de fé não se põe a questionamentos.

A perda tem inúmeras facetas. E todas elas doem. Perdemos um lugar no trabalho, pode ser um cargo de gerência, ou a liderança de um projeto ou uma vaga há tanto esperada para uma ascensão profissional. Mas, o nosso perfil não se equiparava ao exigido, ou o nosso desempenho não era assim tão brilhante ou havia pessoas mais qualificadas para ocupar o lugar. E temos que voltar para casa, cabisbaixos, frustrados e dar explicações falaciosas aos interessados ou curiosos e continuar sorrindo e fazendo as pessoas crerem que somos altamente resilientes, capazes de enfrentar os maus momentos. Eles passarão e continuaremos tentando.

Perdemos a saúde e começamos a conviver com uma lista de especialistas e tratamentos, as dores nos ocupam, os remédios, as sessões de quimioterapia, iodoterapia, hemodiálise, fisioterapia, fonoaudiologia e por aí afora. O mundo fica restrito a esse mundo dos hospitais e clínicas e profissionais da saúde, onde acreditamos que vamos recuperar a tão desejada saúde, a vitalidade, o bem-estar.

Perdemos a saúde mental e temos crises de medo, de ansiedade, de pânico, tomamos um mundo sem fim de antidepressivos, calmantes, ansiolíticos, na busca de um equilíbrio, que ainda tênue, faz parte do nosso imaginário de saúde e felicidade. E aqui também nossa vida se circunscreve aos consultórios de psicoterapeutas e psiquiatras, na sua tentativa de amainar essa dor da perda.

Quando velhos perdemos nossa juventude. E nossas dores, cansaço, falhas de memória, pernas e braços enrijecidos, olhos, ouvidos e sensações diminuídas nos mostram que o corpo segue um movimento descendente, em direção à morte.

A morte, dentre as perdas todas, é a que mais nos assusta. Antes palavra pouco articulada, compreendida ou esperada. Agora, mais velhos, a morte daqueles que nos acompanharam durante anos, habita nosso cotidiano e rodas de conversa. Todo dia perdemos um avô, um tio, uma mãe, um marido, uma esposa, uma cunhada, uma criança (e para essa não há redenção da dor).

Pode-se dizer que a cada perda mais perto ficamos da morte, indesejada perda. Ela sim é a realidade presente, é em relação à morte, enquanto sofrimento, que temos que obter uma nova compreensão.

A doença e a proximidade da morte trazem um misto de sentimentos a serem vividos. Dentre eles, o mais óbvio e ao mesmo tempo, o mais temido, é a tristeza. Uma tristeza profunda e sem fim toma conta da gente quando voltamos para casa depois de enterrar uma pessoa querida. Procuramos pela casa a pessoa, ouvimos sua voz, seus passos, seus sussurros, diálogos, entonações, mas, o que se nos apresenta é um silêncio e um vazio absolutos.

A tristeza nos põe em contato com tudo aquilo que vivemos, de maneira e foi prazerosa e amorosa num tempo que já se perdeu. Tudo aquilo outrora doçura e encanto, agora nos aprisiona em um caminho sem retorno, desprovido de sentidos e de futuro. Aquilo que tanto nos alegrou, hoje nos foi ceifado e nos paralisa. Parte de nós mesmos é enterrada com aquele que morre.

Kalil Gibran Kalil, poeta árabe, nos dá uma imagem de como a alegria e a tristeza, como movimentos antagônicos, estão como que numa mesma balança. Diz ele: “... Quando estiverdes alegres, olhai no fundo de vosso coração, e achareis que o que vos deu tristeza é aquilo mesmo que vos está dando alegria... Em verdade, vós estais suspensos como os pratos de uma balança entre vossa tristeza e vossa alegria”¹.

Ficar triste é sentimento genuíno. Sem ele não aprofundamos o sentimento de perda. Não abrimos espaço para o surgimento do contentamento. Somente quando nos deixamos ficar tristes é que poderemos vislumbrar outra possibilidade. Precisamos chegar ao fundo do poço de nossos lamentos e dores para diante da impossibilidade, novamente, nos lançarmos a outro estado, novamente arriscarmos outro movimento. Essa mudança de percepção ocorrerá de forma não esperada, pois será fruto de muitas idas e vindas, muito choro, uma dose de desencanto e descrença na vida. Mas, esse momento chega, no tempo de cada um, nos moldes de cada personalidade, como que anunciando que a vida é sempre mais forte que a morte. Para algumas perdas, quando carregadas de muito sofrimento e desesperança, ou quando já fazendo parte de uma vida com poucos recursos, inclusive, biológicos, para lidar com perdas, estamos diante da doença. Aqui falamos de depressões profundas, que inviabilizam o movimento reparador e a possibilidade de encontrar sentidos.

Paradoxalmente, a morte, enquanto redenção, nos impele a construir uma vida com significados. Não importa se a encaramos a morte dentro de um viés cristão, como passagem para um novo mundo ou de um viés niilista, que vê no sofrimento a oportunidade de superação da dor por meio da criação de um sentido que supere o contexto vivido². Não importa se levaremos tempo para conviver com ela. Ela sim é a verdade derradeira. Como dizia a cineasta Tereza Jessouroun em seu eu belo filme – Clarita, ao referir-se aos efeitos da doença de Alzheimer sobre sua mãe e família: “Sua lenta despedida nos faz pensar na terrível finitude da vida e sobre o sentido da vida e suas insignificantes certezas... Talvez a sua morte lenta queira dizer isso: é porque morremos que a vida tem valor, que o gesto tem sentido”.

Ou seja, é porque a finitude está inscrita em nosso projeto de vida que devemos fazer cada minuto dessa vida, uma vida realmente vivida, ainda que com dor e sofrimento.

E o que seria uma vida realmente vivida?

Bem, isso já é tema para uma outra conversa.

¹Gibran Khalil Gibran. O profeta. Raval Editora., p.28

²Thiago Calçado. O sofrimento como redenção de si. Doença e vida nas filosofias de Nietzsche e Pascal. Editora Paulus